

3ª Parte

Prosa de Ficção

O Seringueiro

Sânzio de Azevedo

Numa tarde quente de janeiro Francisco das Chagas, atraído pelo sonho de enriquecer colhendo o látex nas seringueiras da Amazônia, para lá se transferiu, ao tempo da Segunda Guerra.

Havia muito se contavam casos de outros cearenses que, seduzidos pela manha dos paroaras, trabalhavam muito, mas os patrões os enganavam: eram exorbitantes os preços cobrados por tudo quanto eles eram forçados a comprar, como alimento, roupa e até instrumentos usados no serviço. Os donos da terra faziam assim com que os trabalhadores estivessem sempre endividados. Praticamente reféns de homens inescrupulosos, os seringueiros muitas vezes buscavam fugir pela mata, durante a noite, porém quase sempre uma bala punha fim à tentativa de libertação.

Chagas sabia dos perigos de tal aventura, mas julgava haver muito exagero nesses relatos. De mais a mais, sonhava com dias melhores no Norte, e confiava na proteção do santo de quem recebera o nome. Assim é que, fugindo à penúria de sua vida na Capital cearense, foi engrossar a legião dos chamados “soldados da borracha”.

Não foi sozinho. Acompanhava-o sua mulher, Maria. No seringal, disposta e trabalhadora como sempre fora, ela o ajudaria muito.

Os dois a princípio iam-se dando bem na dura vida do seringal. Entretanto, ao cabo de uns dez meses começaram eles a perceber que os gastos com tudo quanto necessitavam iam assumindo proporções inaceitáveis, e o cearense, pegando-se com o seu santo protetor, resolveu fugir, mesmo arriscando-se a levar um tiro.

Felizmente, apesar de haver guardas espalhados por algumas saídas da fazenda, durante o trabalho ele e a mulher não eram fiscalizados constantemente, devido ao número enorme de operários.

Começaram a construir uma balsa num braço de rio. Todo dia amarravam uma parte da embarcação, que ficava bem escondida sob as folhas.

Quando, depois de algum tempo, consideraram o trabalho da balsa encerrado, Chagas esperou o sol se pôr, e combinou que, para não chamar a atenção dos guardas, a mulher iria primeiro para perto da embarcação, e o esperaria.

Para maior segurança, escolheram uma noite sem lua, e quando Chagas atravessava a floresta ouviu ruídos. Seria talvez algum pássaro retardatário recolhendo-se ao ninho numa árvore baixa, mas o seringueiro se assustou e, na tentativa de se ocultar, enveredou pela mata fechada, terminando por se desorientar completamente. Não conseguia encontrar o caminho para a balsa, e teve a impressão de estar fazendo voltas.

E estava mesmo: os círculos foram-se fechando, até ele encontrar uma sucuri. Ao ver a cobra gigantesca, disparou numa carreira que só teve fim quando resolveu subir a uma árvore, onde pensava passar a noite. Com o clarear do dia, procuraria encontrar-se com a mulher, embora o perigo de ser morto durante a manhã fosse bem maior.

Fez sua oração a São Francisco de Canindé e, cansado como estava, logo adormeceu apoiado a dois grossos galhos de um bacurizeiro.

Sonhou então que um frade se aproximava dele e, tomando-lhe a mão, conduzia-o pelo meio da mata. Andaram assim um bom pedaço e, quando acordou, estava em pé, próximo ao braço do rio. Apesar da escuridão, pôde perceber o vulto de Maria, junto da balsa. Aproximou-se silenciosamente, enquanto arrastava a embarcação para a água.

- Chagas, o que aconteceu? Você demorou tanto! Eu estava já morrendo de medo.

- Maria, o importante é eu estar aqui. E quem me trouxe, acredite, foi São Francisco.

- Será possível, Chagas?

- Pois foi, Maria.